



O DISCURSO SOBRE A VELHICE E O MOVIMENTO DE SENTIDOS ENTRE O DIZER E O SILENCIAR

Erika Camila Veríssimo da Silva¹

O presente trabalho, é fruto das pesquisas realizadas no PIBIC-UFAL, têm como foco compreender o discurso do/sobre o velho/idoso trabalhador da sociedade capitalista atual, a partir dos dizeres e não-dizeres publicados na mídia em geral.

Observamos que os discursos que falam da/sobre a velhice, na sociedade brasileira, revelam uma velhice homogênea na qual todos os sujeitos vivem de maneira semelhante, porém “a questão da desigualdade social, que a velhice não é vivida da mesma forma pelos que dominam e pelos dominados, é ocultada” (Haddad, 1986, p.52).

Dessa forma, na sociedade atual, sociedade de classes, marcada pelas desigualdades sociais, podemos recordar os dizeres, apresentados no relatório parcial desta pesquisa, que ressignificam a velhice como “A arte de envelhecer”, na qual é silenciado que a maioria dos velhos/idosos não possui as condições necessárias para obtê-la e, assim, são excluídos, marginalizados e abandonados na sociedade capitalista. Em virtude disto, estes buscando não perderem o “valor de uso” para o capital, através da ideologia dominante, reproduzem discursos como: “Por isso o que eu quero é ser útil”, sendo forçados, mesmo depois de aposentados, a tentar reingressar no mundo do trabalho.

Iniciaremos, neste momento, nosso estudo sobre a categoria Silêncio, na perspectiva da Análise do Discurso, visto que o objetivo desta pesquisa consiste em analisar os efeitos de silenciamentos produzidos nos discursos sobre a velhice na sociedade vigente.

Primeiramente, a autora divide o silêncio em duas formas: a) o silêncio fundante e b) a política do silêncio (o silenciamento). O silêncio fundante é entendido como o princípio de toda significação, ou seja, ele é o “lugar’ que permite à linguagem significar” (p.68). Dessa forma, o silêncio fundador é aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significativo, produzindo as condições para significar, é a garantia com o movimento de sentidos. A partir dessa reflexão sobre o silêncio fundador podemos observar o silêncio a partir do ponto de vista discursivo, histórico e não-transparente.

A política do silêncio ou o silenciamento está subdividido em duas formas: **1. O silêncio constitutivo** e **2. Silêncio local**. A primeira forma, o silêncio constitutivo, instala o anti-implícito: se diz “x” para não dizer “y”, dito de outra maneira, que para dizer é preciso não dizer, ou seja, o silêncio produz uma divisão, pois, não é possível um dizer total, completo, assim todo dizer cala algum sentido, necessariamente, uma palavra apaga as “outras” palavras, apagando-se também outros sentidos possíveis.

¹ Graduanda em Letras pela FALE na Universidade Federal de Alagoas.



O silêncio local, a segunda forma dessa política do silêncio, assim como também a mais visível, refere-se à interdição do dizer, ou seja, àquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura, trata-se da censura propriamente dita. A censura, de acordo com Orlandi (2007, p.104) é: “a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas, isto é, proibem-se certos sentidos porque se impede o sujeito de ocupar certos lugares, certas posições”.

Dessa forma “A censura estabelece um jogo de relações de força pelo qual ela configura, de forma localizada, o que, do dizível, não deve (não pode) ser dito quando o sujeito fala” (2007, p.77). Assim, a censura afeta, diretamente, a identidade do sujeito, pois este é regulado a ocupar apenas o “lugar” que lhe é destinado e produzir os sentidos que lhe é permitido. A partir do que já foi exposto, podemos avançar para a análise das materialidades discursivas encontradas sobre a velhice na sociedade capitalista.

Para a análise das materialidades discursivas selecionadas, baseamo-nos no referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso (AD) de origem francesa, por estabelecer uma relação inseparável entre língua, história e ideologia, na qual nos possibilita compreender o caráter histórico e social do discurso.

Nossa proposta consiste em realizar a análise de alguns recortes discursivos de duas reportagens televisivas publicadas nos seguintes sites: *psivelhicetrabalho.wordpress.com* e *G1.globo.com*.

Partindo do pressuposto, que toda mídia buscar atingir determinado público-alvo, através da subjetividade e identificação, podemos afirmar que a reportagem, assim como toda notícia, tem como objetivo oferecer ao público leitor/expectador uma interação com os fatos ocorridos na sociedade, além de contribuir para que os fatos ou produtos passem a ser determinantes de valores ou estilos de vida.

Nas reportagens televisivas, que analisamos, o público-alvo é o trabalhador, especificamente, o trabalhador-velho e/ou aposentado. Partiremos agora, para a análise dos recortes discursivos de uma reportagem televisiva extraída do blog *psivelhicetrabalho.wordpress.com* publicada no dia 22/06/2010.



“A aposentadoria está longe de significar o fim de carreira, atualmente pode representar o começo de uma nova atividade”.



Ao analisar o recorte da fala do jornalista, podemos observar de imediato um chamamento do trabalhador-velho aposentado que está no “fim de carreira” para a sua recolocação no mercado de trabalho através de “uma nova atividade”. A partir da relação entre paráfrase e polissemia podemos observar a lógica do capital na qual:

Fim de carreira = Aposentadoria = Morte
Nova atividade = Retorno ao trabalho = Nova Vida

Observamos, que a relação dito/não dito é estabelecida pela relação que Orlandi (2007) chama de “poder dizer”, na qual é histórica e também atestada pelo discurso. Assim, o trabalhador-velho é inculcado pela ideologia dominante que lhes diz que para possuir uma nova vida é necessário manter/começar “novas atividades”. De acordo com Antunes (1999, p.102):

A classe que vive-do-trabalho² engloba também os trabalhadores improdutivos, aqueles cujas formas de trabalho são utilizadas como serviço, seja para uso público ou para o capitalista, e que não se constituem como elemento diretamente produtivo, como elemento vivo do processo de valorização do capital e de criação de mais-valia.

Dessa forma o empregado que trabalhou a vida inteira produzindo lucros para o capital, é interpelado para realizar “novas atividades”, ou seja, continua a ser explorado até o fim de sua vida sob uma condição diferente, assim Marx afirma que: “o trabalho é consumido como valor de uso e não como trabalho que cria valor de troca”, porém que vivencia das mesmas condições de exploração. Seguindo com a análise do vídeo selecionamos o seguinte enunciado:

*“São várias as oportunidades que o mercado de trabalho oferece para os **profissionais experientes**”.*

No enunciado acima, observamos como o trabalho é apresentado ao trabalhador-velho aposentado “são várias as oportunidades que o mercado de trabalho oferece[...]”, notamos que este é mostrado como uma oportunidade, algo que traz/trará benefícios para o trabalhador, entretanto podemos observar que a produção deste dizer silencia outros dizeres e sentidos, assim a exploração do trabalhador em sua velhice é mascarada pela sociedade capitalista, pois de acordo com Silva Sobrinho (2007, p.131) “a relação do homem com o trabalho se caracteriza como luta pela sobrevivência (trabalhar para viver embora se ‘trabalhe para morrer’)”.

No recorte que segue “para os profissionais experientes” é possível notar para quem é destinada essas “oportunidades” para os trabalhadores-velhos que desejam uma “nova atividade” (nova vida) e que deste modo transformam-se em “profissionais experientes”.

Diante dessa suposta valorização do trabalhador-velho podemos identificar a partir da política do silêncio Orlandi (2007), que consiste no fato de que “ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada”, representada aqui pelo silêncio constitutivo, que apaga os sentidos que se quer evitar, pois por trás

²“A expressão ‘classe-que-vive-do-trabalho’, tem como primeiro objetivo conferir validade contemporânea ao conceito marxiano de classe trabalhadora” (ANTUNES, Ricardo, 1999, pg.101).



do “profissional experiente” está o trabalhador que teve sua mão-de-obra explorada durante toda a sua vida.

A seguir iremos analisar um recorte do discurso, da gerente de recrutamento e seleção da mesma rede de supermercados, que fala sobre o mercado de trabalho.



“[...] que você ajuda a sua família a continuar evoluindo”.

Observamos como este discurso “que você ajuda a sua família a continuar evoluindo” é marcado pela formação discursiva (FD) do capital, que através da ideologia mascara os reais objetivos da classe dominante, a qual visa apenas gerar lucros para o sistema seja através da mais-valia ou do consumo. Nesse sentido, Silva Sobrinho (2007, p.167) afirma que:

Desse modo, consolida o tipo de relações de trabalho necessárias à reprodução da sociedade capitalista, ou seja, o direito ao trabalho do “idoso” é o de voltar ao mercado de trabalho e nesse prosseguir, continuar responsável pela sua sobrevivência: trabalhar/consumir.

Podemos observar como o discurso a seguir reforça o que foi dito anteriormente, trata-se de um depoimento do professor que recebe ajuda de seu pai taxista aposentado, mas que continua inserido no mercado de trabalho.



“se ele não me ajudasse eu não poderia estar me qualificando cada vez mais, para o mercado de trabalho”.

Neste enunciado, podemos observar que tal discurso “se ele não me ajudasse eu não poderia estar me qualificando, cada vez mais, para o mercado de trabalho” assumi através da ideologia os interesses do capital, visto que o sujeito deste discurso fala a partir da posição-sujeito dos capitalistas, que visam à qualificação perpetua para o mercado de trabalho e são silenciadas que tal qualificação exige do trabalhador um tempo extra fora de sua carga horária. A respeito disso Antunes (1999, p.131) nos diz que:

Um exemplo ainda mais forte é dado pela necessidade crescente de qualificar-se melhor e preparar-se mais para conseguir trabalho. Parte importante do “tempo livre” dos trabalhadores está crescentemente voltada para adquirir “empregabilidade”, palavra que o capital usa para transferir aos trabalhadores as necessidades de sua qualificação, que anteriormente eram em grande parte realizadas pelo capital.



Assim, retomando o discurso anterior que fala sobre o retorno do velho-idoso ao mercado de trabalho, que diz: “você ajuda a sua família a continuar evoluindo”, podemos observar um mascaramento da realidade, pois quem sempre continuará evoluindo, de acordo com essa lógica, será o capital.

Seguiremos com a análise da segunda reportagem televisiva, que trata sobre a semana internacional do idoso, publicada no dia 03/10/2015, no site *G1.globo.com*. A reportagem em questão apresenta idosos tidos como “bons” exemplos por “aproveitarem” a velhice para estudar, investir em lazer ou voltar para o mercado de trabalho. Iremos analisar a resposta de dois idosos que continuam no mercado de trabalho e são questionados: “Qual conselho para ficar saudável?” e “ Até quantos anos vai continuar dando aulas?”



“Que não pare de trabalhar, parou de trabalhar enferruja”

Ao analisar a resposta da idosa, de 89 anos, que trabalha como caixa, pode-se observar o interdiscurso materializado, pois “enferrujar” remete em nossa memória discursiva a sentidos de algo “corroído”, “oxidado”, “que caiu em desuso”, isto é, algo que não serve mais, expressões utilizadas para nos referirmos a objetos/coisas. Tais expressões estão marcadas por um já-dito, que já foi esquecido, que significa, de forma negativa, os trabalhadores-velhos/idosos. Logo, a respeito disso Haddad (1986, p.45) afirma que o velho/idoso “busca o trabalho na velhice para conseguir manter-se vivo, não porque se realize através dele, na medida em que se trata de trabalho alienado”.

Esse dizer é sustentado pela formação discursiva capitalista, que inculca através da ideologia para que o sujeito “não pare de trabalhar” silenciando-se a exploração da mão-de-obra na velhice.



“O pessoal do atletismo, eles têm uma vitalidade muito grande, têm um pessoal aí de 80 anos, 85 anos que ainda tá trabalhando ainda”.

No discurso do trabalhador-idoso, de 64 anos, técnico de atletismo, foi analisado que ele não fala de si “o pessoal do atletismo [...]”, mas de outros para construir o que se pede, logo, constata-se a presença da censura (silêncio local) que sempre coloca um “outro” no jogo, ela sempre se dá na relação do dizer e do não poder dizer, do dizer de ‘um’ e do dizer do ‘outro’ (Orlandi, 2007, p.104).



Dessa maneira, para não ser significado onde não pretende-se o sujeito não se dirá, ele silencia. Esse silenciar pode ser caracterizado como uma forma de resistência diante da dominação, pois onde há silêncio imposto há possibilidades dos sentidos migrarem para outros objetos simbólicos, ele atravessa as palavras e indica que o sentido sempre pode ser outro.

Diante dos estudos realizados, com nossa pesquisa “O DISCURSO SOBRE A VELHICE E O MOVIMENTO DE SENTIDOS ENTRE O DIZER E O SILENCIAR”, pudemos observar que há um silêncio que a sociedade vigente busca esconder, tenta apagar que são as contradições de classes e desigualdades sociais vivenciadas pelos trabalhadores durante sua trajetória e presentes ainda durante sua velhice e aposentadoria.

Desta forma, durante todo o percurso de nossa pesquisa, pudemos observar como os velhos/idosos são significados e afetados pelos discursos produzidos na mídia “parou de trabalhar enferruja”, essa lógica capitalista, que transforma tudo em mercadoria e lucro, propaga sentidos negativos sobre a velhice, e coloca-os numa posição desumana, coisificada, pois perderam seu valor econômico para o capital.

Entretanto, constatamos que a mesma, utiliza desses discursos para o recrutamento do trabalhador-velho/idoso para o reingresso ao mercado de trabalho, colocando como “bons” exemplos aqueles que para este retornam, assim, o trabalho aparece como o único meio pelo qual o sujeito pode ter uma velhice digna e útil.

Logo, nossa análise possibilita a constatação de que os discursos, das propagandas televisas, falam da velhice e do mercado de trabalho, mas silenciam sobre a exploração do homem pelo homem.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.
- BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de velhos. 3.^a ed. São Paulo: Companhia dasLetras,1994.
- CALDAS, Pereira Célia. Memória, Trabalho e Velhice. Um estudo das memórias de velhos trabalhadores In VERAS, Renato P. Terceira Idade: Desafios para o terceiro milênio.RiodeJaneiro, UnAT/UERJ: Relume-Dumará, 1997.
- FLORENCIO, Ana Gama & et all. Análise do discurso: fundamentos e práticas. Maceió: EDUFAL,2009.
- HADDAD, Eneida G. de Macedo. A ideologia da Velhice. São Paulo: Cortez, 1986.
- MARX, Karl. Salário, preço e lucro. São Paulo: Global, 1980.
- MARX, Karl. O Capital. Livro I. 2° ed, São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- ORLANDI, Eni. As formas do silêncio no movimento dos sentidos. Campinas: Editora daUnicamp,2002.
- ORLANDI, Eni. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni. Discurso e texto:formulação e circulação dos sentidos. São Paulo: Pontes,2001.



PÊCHEUX, Michel & FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). Por uma análise automática do discurso. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In MORAES, Myriam & BARROS, Lins de (orgs.). Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidades, memória e política. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SILVA SOBRINHO, Helson. Discurso, Velhice e Classes Sociais: a dinâmica contraditória do dizer agitando as filiações de sentidos na processualidade histórica. Maceió: Edufal, 2007.